

Singer ataca “política conservadora”

Conselheiro do PT e futuro secretário de Economia Solidária critica manutenção de modelo econômico

MURILO RAMOS

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

BRASÍLIA – Personagem influente em todas as campanhas do agora presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o professor Paul Singer, da Universidade de São Paulo, não está nada satisfeito. O economista, que assumirá em fevereiro a recém-criada Secretaria de Economia Solidária, ocupa lugar de destaque no seleto grupo de conselheiros econômicos do PT, mas não se furta de criticar os primeiros movimentos do novo governo.

Em entrevista exclusiva ao **Jornal do Brasil**, Singer faz uma leitura muito particular da política econômica, comparando-a àquela adotada durante a Era Fernando Henrique Cardoso. Ele alerta ainda que o governo não pode perder o momento histórico de aprovar as reformas estruturais – da Previdência e tributária –, sob pena de pagar caro por isto no futuro.

O economista, que em breve deixará a sala de aula para ocupar um gabinete na Esplanada dos Ministérios, já trabalhou como secretário de Planejamento da cidade de São Paulo, na gestão Luiza Erundina, e é

pai do porta-voz da Presidência, André Singer. Aos 70 anos, está entusiasmado com o desafio e adianta que dará ênfase à formação de cooperativas de trabalhadores. Autor de 23 obras, discorre com desenvoltura sobre os mais variados temas, como globalização, democracia e desigualdade social.

– Como o sr. vê o começo do governo Lula? Como é possível

“Se o PIB voltar a crescer, a arrecadação aumenta e o déficit cai”

entender a participação de pessoas estranhas ao ninho petista, como o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles?

– Tudo ainda está no começo para se detalhar alguma visão. O governo é plural, não só do PT. Na verdade, o Lula já tomou posições contrárias àquelas assumidas durante a candidatura, de forma deliberada. O partido acabou aprovando. Agora, Lula está tentando cumprir o que prometeu com uma ação muito ampla e enérgica na área social. A criação da Secretaria de Economia Solidária é um exemplo. Na área econômica, está mantendo uma política conservadora.

Como o sr. vê a condução da política econômica?

– Pessoalmente, fico preocupado. A política conservadora restringe fortemente os recursos para a área social e para a retomada do crescimento econômico, que é o desejo da equipe do governo e de todos.

– De que outro modo o governo poderia conduzi-la?

– Do modo que o PT sempre defendeu. Controlar mais a movimentação de capitais e, com isso, retomar rapidamente o crescimento. Além disso, adotar uma sistemática baixa de juros, cuidadosa. E resolver a questão fiscal não pelos cortes, mas com crescimento econômico. Se o PIB voltar a crescer, a arrecadação aumenta e o déficit do governo federal cai.

– A política atual põe em risco o crescimento econômico?

– Não dá para dizer isso ainda. Mas existe a possibilidade de uma demora muito grande para o avanço econômico chegar. Mas o presidente e o ministro da Fazenda (*Antônio Palocci*) não pensam assim. Acreditam que a conquista da credibilidade no mercado financeiro permitirá que o Brasil cresça. Não está confirmado, mas esperam que o crescimento seja alcançado ano que vem. É difícil prever. Vamos esperar.

– Não é uma repetição da política implantada na era FH?

– É exatamente a mesma. E não é segredo que fracassou no governo anterior.

– Como será o trabalho do senhor à frente da Secretaria?

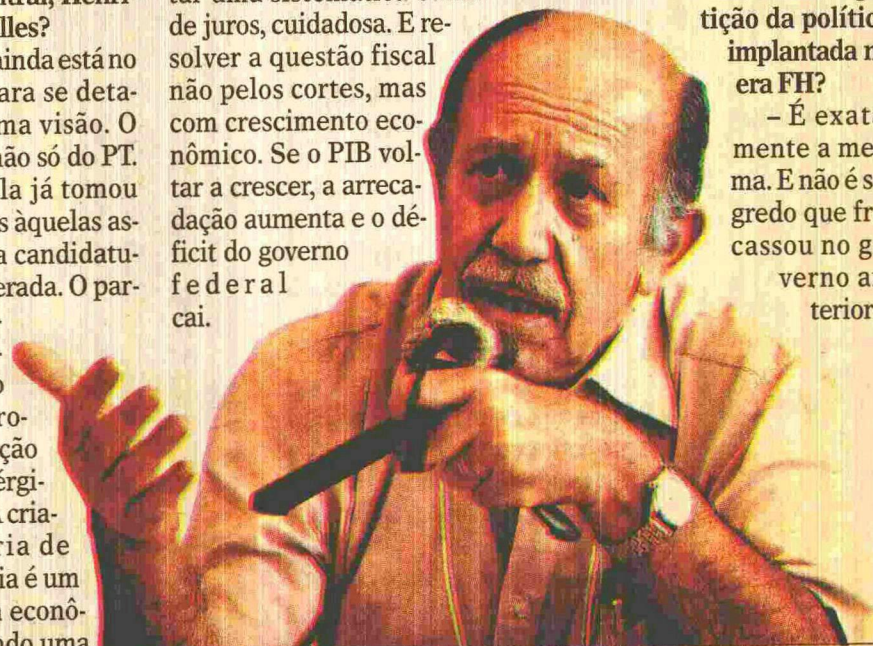
– Pretendo fomentar a economia solidária que já existe no Brasil e corrigir algumas fragilidades, como a falta de crédito às cooperativas. Isso vai exigir que os bancos do povo abram linhas de crédito a esses empreendimentos. Espero ajuda do BNDES e facilidades para a formação de cooperativas pelo BC. Para isso, terão de mudar a regulamentação.

– O que é possível dizer a respeito da visita do presidente Lula à Europa e a aprovação do FMI à política econômica?

– O governo espontaneamente quer aumentar o superávit primário. Demonstrou, também, que vai aumentar os juros, manter o câmbio fluante e as metas de inflação. Com esse quadro, a aprovação do FMI é descarada.

– E as reformas estruturais? É hora de implementá-las?

– Sim. É no começo de um governo com grande credibilidade que as condições são mais favoráveis para fazer mudanças delicadas que, sem dúvida, vão ocasionar perdas, como a da Previdência.



Paul Singer: prioridade para juros baixos e crescimento econômico